

Crise

Toda cautela é necessária

ESTAMOS VIVENDO a maior crise financeira mundial desde 1929. Esta é a única certeza do mundo dos negócios. Qualquer outra previsão tem pouco sentido. Qual o tamanho do seu efeito na economia real do Brasil e do mundo? Esta é a pergunta do milhão.

Qual o ponto de parada do novo dólar de equilíbrio no Brasil? Qual será o preço das *commodities* em 2009?

Poucas vezes as respostas estiveram tão inseguras. Isso porque este momento é novo em termos de cenário. Vivemos uma crise financeira enorme, mas com o mundo globalizado orquestrado para combatê-la. Os governos de todos os países estão tomando medidas para minimizar os efeitos da crise na economia real. O mundo hoje depende ainda muito da força da economia norte-americana, mas muito menos que antes. China e Índia têm, atualmente, pesos importantes. Tudo está interligado, mas os modelos econométricos que tentam medir as ligações estão sendo revistos. Por isso mesmo, prever o futuro, ainda que próximo, está muito duro.

Mas algumas medidas podem e devem ser tomadas pelos produtores rurais. A

tabela abaixo aponta o desabamento dos preços em dólares das *commodities* agrícolas. Esse movimento já parou? Ainda anda mais? Volta para níveis anteriores a 2006? É hora de jogar na defesa, de não especular de maneira alguma. Para exemplificar, vamos olhar o caso da soja. É hora de vender! O mais provável é que o dólar não se mantenha nos patamar atuais, desvalorize-se em relação ao real e que o preço das *commodities* reduza-se ainda mais. Dificilmente o custo de produção está maior que o patamar de preços atual. É hora de evitar perdas, ou de garantir resultados, e não de tentar ganhar mais.

Deve ser feita uma análise cuidadosa para cada produto, mas vender agora tende a ser a melhor medida.

Qualquer nova aquisição deve esperar um pouco. O mais provável é que uma atividade econômica crescendo menos traga redução nos preços dos ativos, como imóveis, máquinas e implementos. A economia brasileira deve crescer em 2009, mas bem menos que se previa antes da crise.

As aplicações financeiras devem ser seguras e feitas por prazos curtos. É importante ter alta liquidez neste momento. Não

deve haver quebra de bancos. Em primeiro lugar, porque o sistema regulatório bancário brasileiro é bom, e também porque o governo está alerta, e vai evitar esta ameaça de risco. Por isso mesmo, editou medida provisória autorizando o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal a comprar outras instituições que estiverem com problemas de liquidez.

A obtenção de crédito será muito difícil. Como o risco está alto, os bancos estão sendo tremendamente seletivos.

Para finalizar, mais que nunca é preciso ter sangue frio e lucidez para a tomada de decisões. As cinco páginas seguintes trazem mais informações sobre a crise. ■

Preço da soja no Brasil e na Bolsa de Chicago (Cbot) em 23/10/2008

	R\$/saca 60kg
Bolsa de Chicago	45,51
Sorriso /MT	36,00
Campo Verde /MT	40,50
Rio Verde /GO	41,00
Campo Grande /MS	44,00

Fonte: Cbot e Agrolink

Evolução do preço dos grãos e do petróleo no mercado internacional

	Jul/08 (1)	Ago/08	Set/08	23/10/2008 (2)	Var (2/1)
Soja *	33,25	28,26	26,27	19,74	-40,6%
Milho *	15,16	12,98	12,75	9,34	-38,4%
Trigo *	17,91	18,05	15,86	11,77	-34,3%
Arroz *	23,49	22,85	25,65	19,77	-15,8%
Petróleo (Brent) **	133,90	113,85	99,06	67,44	-49,6%

Fonte: Cbot (grãos) e IPE (petróleo); * US\$/saca 60kg; ** US\$/barrel

Safra 2008/09 I

Turbulência no plantio

SERIA PREMATURO apostar no cenário de volta das cotações de milho, soja e trigo, as principais *commodities* agrícolas negociadas no mundo, às médias históricas registradas até 2006? É importante

lembrar que, foi a partir daí que teve início uma escalada desenfreada dos preços das *commodities*, com base na perspectiva de disponibilidade apertada para atender à rápida expansão do consumo de alimentos e biocombustíveis. Esses mercados atraíram investimentos de grandes fundos.

De qualquer modo, agora a conjuntura é outra. Os picos históricos alcançados neste ano pelas cotações da soja, milho e trigo são contas do passado. Essas são as três das principais *commodities* agrícolas negociadas em Bolsa.

As cotações do *bushell*, em 3 de julho, bateram em US\$ 16,37 na soja, enquanto a do milho, em 27 de junho, atingiu US\$ 7,54. Ambos os produtos bateram recordes em datas próximas, motivados pelas chuvas contínuas que prejudicaram o andamento do plantio e reduziram a produtividade potencial nos Estados Unidos. E

o trigo, com as reservas nos EUA em seus níveis mais baixos dos últimos 30 anos, teve seu recorde em 12 de março, com o *bushell* chegando a US\$ 13,25.

Mas, desde julho, boa dose da valorização foi gradativamente revertida. Se as previsões de produção melhoravam nos EUA, a crise imobiliária do *subprime* começava a ganhar dimensões perigosas. Para cobrir outras aplicações ou simplesmente para preservar capital, os investidores financeiros passaram a liquidar suas posições.

Com isso, os aplicadores, que baseiam seus movimentos nos fundamentos de oferta e demanda de cada mercado, entraram em pânico e ficaram com os nervos à flor da pele.

Ante o aprofundamento da crise global ocasionada pelos Estados Unidos, sobram as perspectivas de longo prazo para o consumo de alimentos, em especial

dos emergentes como China e Índia. Isso poderia evitar uma desaceleração econômica mundial e a queda nas cotações das *commodities*, muito bem sensíveis com os impactos recentes.

Sabe-se que países ricos ou emergentes não podem dispensar a alimentação até mesmo nas recessões mais profundas. Já os mais pobres, diante de um menor custo, poderão consumir mais comida. Porém, a insegurança maior é se as cotações descolarem dos fundamentos mais técnicos. Uma onda baixista, por exemplo, deixa de levar em consideração as medidas de apoio empregadas por diversos países, já que seus resultados não aparecem de imediato.

Os movimentos especulativos acontecem em ritmo similar e oposto aos daqueles comuns no período aquecido da febre do etanol, do terceiro trimestre de 2006

FAO teme alta em 2009

A atual baixa das cotações pode levar os agricultores a reduzir a produção e provocar novo recorde de preços dos alimentos em 2009, segundo a Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Sua previsão é de que a queda nos preços dos principais cereais no mercado internacional decorre da desaceleração da economia mundial e de boas colheitas em diversos continentes. Porém, essa conjuntura pode ser de curta duração.

Os problemas financeiros podem provocar uma nova crise alimentar no próximo ano, embora uma colheita recorde esteja praticamente confirmada para 2008.

A produção global de cereais deve alcançar nível recorde neste ano, bem acima das projeções anteriores. A Europa colhe uma das suas maiores safras de grãos, o milho mostra excelente desempenho nos Estados Unidos e os grãos forrageiros apresentam bom resultado no geral, com uma boa produção de arroz na Ásia.

Com relação ao trigo, base alimentar para boa parte da população mundial, a colheita mostra forte recuperação. Para a Argentina, é prevista, agora, uma queda de 25% por causa do mau tempo. Já no Brasil, o clima ajudou a produção, com aumento generalizado da área plantada, que chegou a 30% no Paraná. A produção de trigo do país é estimada para alcançar 5,4 milhões de toneladas, a maior desde 2004.

Para os grãos forrageiros, também é previsto recorde. Para o arroz, as perspectivas igualmente melhoraram, no rastro de excelentes resultados já obtidos no ano passado, graças a

boas condições climáticas, preços atrativos e incentivos governamentais, sobretudo na Ásia. Na América Latina, a colheita de arroz deve crescer, concentrada na Argentina, no Brasil, na Colômbia, no Peru e Uruguai.

Os preços internacionais caíram bastante nos últimos dois meses. Nos EUA, o trigo valia, em meados deste mês, 45% menos que em seu pico de março, quando ficaram claras as projeções de recorde mundial de produção. A cotação de milho continuou a declinar também por causa de menor uso para alimentação animal e redução na produção de etanol nos EUA. O preço do milho americano caiu 35% em relação ao pico de junho. No caso do arroz, a desvalorização também foi forte - de 35% no Vietnã e no Paquistão e de 16% nos EUA.

A atual tendência das cotações pode significar uma redução na plantação, seguida de diminuição das colheitas nos principais países exportadores. De qualquer forma, os estoques de cereais continuam baixos, mesmo com o aumento da produção. Esse cenário pode provocar outro ciclo de preços alimentares elevados.

Apesar da melhora global da produção de cereais, a FAO alerta que 36 países no mundo precisam de assistência externa por causa de quebras de safras, conflitos, desastres naturais e preços elevados dos produtos. Uma nova onda de valorização de preços impactará milhões de pessoas sem recursos e créditos. A recente explosão de preços dos alimentos colocou 75 milhões de pessoas "na fome e na pobreza" em países em desenvolvimento.

Mundo: produção de grãos (milhões de toneladas)

Produto	Produção			Estoque		
	2008/09	2007/08	Var%	2008/09	2007/08	Var%
Total ¹	2.291,71	2.118,12	8,20	372,12	347,54	7,07
Trigo	680,20	610,88	11,3	144,41	119,80	20,54
Arroz beneficiado	433,23	430,19	0,70	80,54	77,69	3,66
Grãos forrageiros ²	1.084,29	1.077,05	0,67	147,17	150,05	-1,90
Milho	785,25	790,99	-0,72	107,76	122,88	-12,30
Soja	239,43	220,69	8,49	55,24	52,68	4,80
Farelo de soja	161,58	158,15	2,16	6,30	6,59	-4,40
Óleo de soja	38,11	37,46	1,73	2,48	2,68	-7,46
Algodão ³	113,76	120,59	-5,66	55,45	61,50	-9,83

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (outubro de 2008)

¹ Total de trigo, grãos forrageiros e arroz beneficiado

² Milho, sorgo, cevada, aveia e centeio

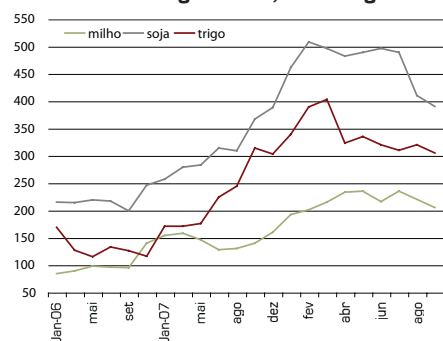
³ Milhões de fardos de 480 libras

Mundo: balanço de oferta e demanda (milhões de toneladas)

Item	Soja		Trigo		Milho	
	2007/08	2008/09	2007/08	2008/09	2007/08	2008/09
Estoque inicial	62,65	52,68	127,02	119,80	108,69	122,88
Produção	220,69	239,43	610,88	680,20	790,99	785,25
Importação	77,60	77,15	112,12	120,83	95,87	81,33
Consumo	229,12	235,19	618,10	655,58	776,80	800,37
Exportação	79,14	78,84	114,85	123,18	95,77	83,87
Estoque final	52,68	55,24	117,07	142,07	122,98	105,22

Fonte: USDA. Outubro de 2008

Bolsa de Chicago: cotações de grãos



Fonte: CBOT

ao primeiro semestre deste ano. Subidas elevadas, incomuns nas eras “fundamentalistas”, foram substituídas recentemente por fortes baixas.

O comportamento tem como parâmetro observar o desempenho do petróleo e do dólar americano, sintonizado nas oscilações das cotações nas Bolsas de Chicago

e Nova York, as principais referências globais para as *commodities* agrícolas.

As “barreiras psicológicas” rompidas para cima agora acontecem para baixo. Os papéis da soja e do milho tiveram as maiores quedas diárias permitidas, respectivamente, de 70 centavos de dólar e 30 centavos de dólar. A volatilidade corresponde a movimentos de ação e reação, de subida e queda.

Os patamares de preços continuam superiores às médias históricas até 2006, mas será que continuarão assim? Um fato real certo é que os custos de produção ficaram maiores. Outro ponto está nos níveis baixos dos estoques para a safra mundial de 2008/09.

A firmeza das cotações dependerá da liquidez do mercado, e se deverão prevalecer decisões baseadas em hipóteses “fundamentalistas”. Houve uma bolha na virada do primeiro para o segundo tri-

mestre. Mas, como parecem estar bem alinhados com custos, produção e estoques, os níveis praticados no primeiro trimestre deste ano podem ser uma das sinalizações alternativas para olhar o futuro.

De fato, ao se tomar as estimativas anunciadas pelo Departamento de Agricultura dos EUA, a relação entre estoque sobre consumo não está longe das médias históricas. No milho, é de 13,4%, contra a média de 22,0%. Na soja, de 23,4% e 15,0%, respectivamente. Os volumes dos estoques não são folgados para atender ao crescimento da demanda dos últimos anos. A desvalorização ocorrida no preço dos dois grãos pode estar exagerada. ■

Safrá 2008/09 II

Crédito muito escasso

DE ACORDO com o Plano Agrícola e Pecuário da safra 2008/09, o governo previa a aplicação de R\$ 65 bilhões no financiamento para custeio, investimento e comercialização, concedida à agricultura empresarial no período de julho de 2008 a junho de 2009, sendo:

- R\$ 45,4 bilhões oferecidos aos agricultores com taxa de juros controlada do crédito rural (6,75% ao ano);
- R\$ 19,6 bilhões a juros livres.